



**Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa  
com ênfase em Produção Textual**

**Marisa Zagordo**

**FUNDAMENTOS LINGUÍSTICOS:  
a estrutura do diálogo**

**Brasília  
2014**

**MARISA ZAGORDO**

**FUNDAMENTOS LINGÜÍSTICOS:  
a estrutura do diálogo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Mauá de Brasília em cumprimento parcial às exigências do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual, para obtenção do título de Especialista.

---

Orientadora: Mestre Helena Roriz Taveira

**Brasília  
2014**

## FUNDAMENTOS LINGÜÍSTICOS: a estrutura do diálogo

Marisa Zagordo<sup>1</sup>

Orientadora: Mestre Helena Roriz Taveira

### RESUMO

Este estudo apresenta no tocante à língua portuguesa várias abordagens possíveis para as estruturas linguísticas usadas na linguagem e na produção do discurso. Procura analisar a importância do diálogo na comunicação humana, os elementos principais que interferem nessa comunicação e os elementos essenciais para a efetivação do diálogo. Analisa também a estrutura linguística como forma de melhorar o aspecto da comunicação, tendo em vista a realização do diálogo e do discurso. Dessa forma este estudo se propõe a efetuar essas análises fazendo uma comparação das características da oratória convencional e da oratória da sedução, tendo como texto de referência “Oração aos Moços”, de Rui Barbosa.

**Palavras-chave:** linguística; estrutura do diálogo; análise do discurso.

### ABSTRACT

This study presents, with respect to the Portuguese language, several possible approaches to the linguistic structures used in language and speech production. It examines the importance of dialogue in human communication, the key elements that interfere with the communication and the essential elements for effective dialogue. It also analyzes the linguistic structure in order to improve the communication aspect with a view to achieving dialogue and discourse. Thus, this study proposes to conduct these analysis by making a comparison of the characteristics of conventional speech and oratory of seduction, taking as a reference the *Oração aos Moços*, from Rui Barbosa.

**Keywords:** linguistics; structure of the dialogue; discourse analysis.

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta no tocante à língua portuguesa várias abordagens possíveis para as estruturas linguísticas usadas na linguagem e na produção do discurso.

O termo *Linguística* passou a ser empregado apenas em meados do século XIX com Ferdinand Saussure, considerado o pai da linguística moderna, que, afirmava ser a língua “não um organismo que se desenvolve por si, mas como um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos”.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo - UNICID e Técnico Judiciário do STJ.

Em sua obra póstuma *Course de Linguistique Generale*, Saussure (1916) iniciou um estudo científico da língua. A partir de então, os estudos da linguagem começaram a focalizar, de um modo estrutural, as unidades formadoras da língua.

O *Course de Linguistique Generale* procura delimitar o objeto de estudo da Linguística, e dessa maneira, estabelece uma noção de língua que rompe com uma tradição histórico-comparativa de estudos de linguagem e inaugura uma cientificidade nos moldes positivistas para a linguística moderna, colocando-a como ciência piloto das ciências humanas e colocando a língua num campo marcado por dicotomias, Saussure pretende uma definição autônoma do que deve ser essa língua para a linguística, delimitando o campo de atuação desta última e separando o objeto da linguística do das outras ciências sociais. Essa delimitação passa pelo reconhecimento e pelo estabelecimento de uma dualidade no campo da língua, mas ao mesmo tempo, um (re)corte dessa noção de língua a fim de solucionar o dilema das dicotomias. Assim, as duplas faces da língua criariam entre si uma relação de interdependência em que uma não existiria sem a outra.

Dessa forma, chega-se à separação entre língua e linguagem, visando o estabelecimento do objeto da linguística. Segundo esse princípio, a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Seguindo, então, esse caminho de separação do que é da ordem da língua e o que não é, Saussure estabelece ainda a distinção entre língua e fala. Para ele, a língua não é uma função de cada falante, mas algo que existe social e independente da premeditação ou reflexão para a expressão de uma ideia. A língua precede a fala na medida em que ela é uma instituição social de ordem própria que acontece em determinada comunidade linguística e os indivíduos dessa determinada comunidade a assimilam passivamente. A fala, por sua vez, configura um ato individual que manifesta um intento comunicativo por parte do falante; ela é a realização da língua pelo falante, a colocação em prática do código, que é socialmente compartilhado, ou ainda, segundo Saussure, o mecanismo psico-físico que permite ao falante exteriorizar essas combinações.



Por outro lado, segundo Mendes e Silva (2005), a análise do discurso considera que a linguagem não é transparente e procura detectar, então, num texto, como ele significa. Ela o vê como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história.

Por meio da linguagem, o homem transforma a realidade em que vive e a si mesmo. O homem constrói a existência humana, ou seja, confere-lhe sentido. É essa capacidade do homem de atribuir incessantemente sentidos que promove seu constante devir, e o das coisas, que interessa à análise do discurso.

A análise do discurso leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos. Ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem a sua exterioridade, a sua historicidade.

A análise do discurso surge, então, como uma disciplina que propõe “problematizar” as maneiras de ler, considerando a opacidade como característica constitutiva da linguagem. Ao mediar a relação com o texto, essa “disciplina” possibilita que se enxerguem formas de significação que dificilmente seriam vistas a “olho nu”, ou seja, que seriam invisíveis sem os dispositivos teóricos de análise fornecidos por essa disciplina. A análise do discurso acredita que há mais sentidos além do que está explicitado na superfície linguística, portanto não estabelece ao discurso um sentido único e fechado. Cabe ao analista explicitar o caminho pelo qual se chegou ao sentido evidente (e se calou outros possíveis).

Ao mesmo tempo em que se entendia a língua enquanto forma, Saussure também afirmava ser através da língua que se dava o conhecimento do discurso, estando este em uma instância diferenciada.

Considerando assim a afirmativa de Saussure, este estudo se propõe a responder às seguintes questões:

1. Qual a importância do diálogo na comunicação humana?
2. Quais são os elementos que interferem na comunicação humana?
3. Quais os elementos essenciais para a efetivação do diálogo?

A busca das respostas a essas questões ensejou o estabelecimento dos objetivos descritos a seguir:

Estudar a estrutura linguística como forma de melhorar o aspecto da comunicação, tendo em vista a realização do diálogo e do discurso.

1. Estudar as estruturas funcionais da Língua Portuguesa na produção dos discursos.
2. Analisar um dos discursos de Rui Barbosa, "a Oração aos Moços."

O tema em questão justifica-se principalmente porque existem diversas aplicações para os modos estruturais diversos na língua falada e na língua escrita e certamente essa estrutura interfere na forma final do que se pretende comunicar e dialogar.

Qual a verdadeira linguagem dos grandes mitos da humanidade? Por que a simplicidade das suas estruturas foi o principal meio do sucesso?

Dessa forma este estudo se propõe a responder essas questões fazendo-se uma análise comparativa das características da oratória convencional e da oratória da sedução, tendo como texto de referência "Oração aos Moços", de Rui Barbosa.

## 2. MÉTODO

Toda comunicação tem seus objetivos dentro de um universo de discurso. Mudando este, mudam também os objetivos e, como tal, o sentido da mensagem. Assim, segundo Chomsky (1970), linguagem é todo sistema de signos e seu modo de articulação, os modelos que se criam constantemente, porque ele muda o comportamento dos indivíduos que a usam.

Outro enfoque importante a ser inserido neste contexto é o da estrutura social. Numa concretização crescente a comunicação verbal se especifica, indo da linguagem, que é a expressão.

A faculdade cria o sistema. Uma vez criado, o sistema se desdobra em esquema que contém o padrão linguístico e a norma que contém o padrão social. Também partindo de uma potencialidade linguística abstrata atravessa-se uma estrutura ambiente mais concreta e realiza-se a língua num momento concreto em determinado estado mental que ela expressa.

Todos estes estágios têm elementos básicos da conformação da língua. E assim como o ambiente externo exerce uma pressão sobre a língua, modalizando-a em sua manifestação, acaba por gerar os tipos de uso opostos: culto, vulgar, geral,

regional, grupal; da mesma forma o ambiente interno, que são os objetivos, modaliza a língua, gerando os tipos de estrutura mentais.

A língua, em sua primeira estrutura básica é um diálogo em que aparecem três elementos: o falante, o ouvinte e o assunto.

Por universo do discurso devemos entender o ambiente ou o contexto extralinguístico que reflete o objeto passível de conhecimento. Esse ambiente pode ser: literário, científico, político, tecnológico, jurídico, comercial, industrial, social, etc..

A comunicação pela palavra é uma entre a variedade de formas que concorrem para a plenitude da realização do homem como ser. Afirmar o contrário é posicionar-se com todo o peso da evidência científica e artística que já deu provas suficientes de que a criação fora do domínio da palavra pode alcançar expressões altamente refinadas com ponderável carga informativa.

Considerando a língua como um instrumento coletivo de comunicação verbal do ser humano importa que funcione, ou seja, que satisfaça o destino para que foi criado. E o seu destino é a comunicação.

O estruturalismo não é um método novo, é a própria consciência despertada e inquieta do saber moderno. É através do estudo estrutural do diálogo que o homem procura a própria essência e concepção do nível linguístico das formas de diálogo que atualmente são usadas pela própria humanidade. São requisitos básicos para a composição de um instrumento qualquer: a escolha do material adequado à composição desse instrumento e a funcionalidade do mesmo. No primeiro caso a língua se apresenta como um sistema de signos, no segundo, como um sistema de funções.

A língua é uma convenção, abrangendo todo um sistema fechado em si, válido em si, independente do mundo extralinguístico.

Neste contexto, a obra de Mattoso Câmara: "Contribuição à Estilística Portuguesa" procura situar o estudo estilístico no âmbito da linguística, isto é, ele pergunta pelo lugar da estilística no campo específico da linguística (ciência geral da linguagem).

Considerando também a linguística textual, partindo do texto, encontramos elementos que nele se compõem, tanto na instância formal quanto na discursiva. Os elos que os separam e também os unem mostram que uma análise textual requer, minimamente, uma análise discursiva. Para que haja, então, compreensão plena



dessas formações, precisamos, primeiramente, entender que o texto é uma junção de conceitos como: língua, gênero, discurso, enunciado, contexto etc., atuando simbioticamente. Além disso, outro ponto é o diálogo que se cria entre autor-leitor no ato da leitura, o que faz com que o discurso, advindo do texto, seja reconstituído semanticamente.

Teremos em autores como Adam (2008), Benveniste (1974), Austin (1962), dentre outros, os suportes teóricos necessários para argumentar, de um modo sucinto, a necessidade de uma análise textual dos discursos e o quanto essa análise contribui para o avanço dos estudos da linguagem.

Na verdade, pode-se distinguir dois polos de atenção opostos no pensamento linguístico: o funcionalismo, no qual a função das formas linguísticas parece desempenhar um papel predominante e o formalismo, no qual a análise da forma linguística parece ser primária, enquanto os interesses funcionais são apenas secundários, como explica Ramos (1997, p.5).

Já, Mattoso Câmara propõe com relação à língua duas disciplinas linguísticas: a linguística propriamente dita – estudo da língua enquanto representativo –, a estilística ou linguística do estilo – estudo da língua enquanto sistema de expressividade. Conforme esse autor, o estilo pertence à língua, pois é um sistema simbólico que transponta do discurso. O papel da estilística é depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectual (Mattoso, 1980, p.2).

Mattoso Câmara aborda a estilística do ponto de vista linguístico traçando um breve histórico que compreende desde o interesse pelo estudo da linguagem por diferentes disciplinas como: a psicologia individual, a biologia, a física acústica, a psicologia coletiva, a sociologia até chegar à constituição de uma ciência autônoma da linguagem: a linguística. Ou seja, ele procura situar a linguagem no quadro geral de nossos conhecimentos. De modo crítico este autor vai apontando as reduções, “os enganos” destas disciplinas ao estudar a linguagem.

Quanto à linguística ele toca naquilo que é o seu grande problema e que ele considera como uma tendência de tratar a língua como produto.

E nessa dicotomia que Mattoso situa suas reflexões sobre a estilística no quadro dos estudos linguísticos. Segundo o autor, a linguística apela ao estudo gramatical quando define a língua enquanto produto. Ele discorre sobre a complexidade dos aspectos psíquicos da linguagem, anunciando o que a linguística

deixa a sua margem ao definir seu objeto. Seu interesse nessa obra consiste em elaborar uma estilística ou uma linguística do estilo, ao lado da linguística da língua. Destaca ele a necessidade de estudar o estilo, o que escapa ao conceito saussuriano de língua.

Dezerto (2010) considera a análise do discurso como disciplina de entremeio da linguística, mais especificamente no que se refere aos fundamentos que a inauguram enquanto ciência piloto das ciências humanas.

Essa disciplina, se constituindo não simplesmente como uma teoria interdisciplinar, busca seus fundamentos em outras áreas de conhecimento para a construção de seu quadro epistemológico. O autor considera a análise do discurso como que permeada de conceitos, promovendo uma releitura de conceitos trazidos: a) da linguística, no que diz respeito à análise dos mecanismos de enunciação; b) de uma teoria materialista das formações sociais e suas transformações, com base nos trabalhos de Marx; c) de uma teoria do discurso que pode ser entendida como uma semântica de base materialista, não ocultando o atravessamento dessas três áreas por uma teoria da subjetividade de base lacaniana.

Considerando, ainda, os ensinamentos à luz das ideias de Mattoso (1980), será apresentado a seguir, análise do discurso “Oração aos Moços”, de Rui Barbosa.

### **3. RECURSOS DA LINGUÍSTICA NA ANÁLISE DO DISCURSO**

E ao considerar-se a importância do discurso, é apresentada uma análise do discurso de Rui Barbosa, “Oração aos Moços”.

A análise está constituída em duas partes. Primeiramente é apresentado um excerto da obra e, em seguida, a análise propriamente.

Primeira parte: discurso de Rui Barbosa.

#### **3.1 Excerto – trecho de Oração aos Moços**

*Senhores*

*Não quis Deus que os meus cinqüenta anos de consagração ao direito viessem receber no templo do seu ensino em São Paulo o selo de uma grande bênção, associando-se hoje com a vossa admissão ao nosso sacerdócio, na solenidade imponente dos votos em que o ides esposar.*

*Em verdade vos digo, jovens amigos meus, que o coincidir desta existência declinante com essas carreiras nascentes agora, o seu coincidir num ponto de interseção tão magnificamente celebrado, era mais do que eu merecia; e, negando-me a divina bondade um momento de tamanha ventura, não me negou senão o a que eu não devia ter tido a inconsciência de aspirar.*

*Mas, recusando-me o privilégio de um dia tão grande, ainda me consentiu o encanto de vos falar, de conversar convosco, presente entre vós em espírito; o que é, também, estar presente em verdade.*

*Assim que não me ides ouvir de longe, como a quem se sente arredado por centenas de quilômetros, mas ao pé, de em meio a vós, como a quem está debaixo do mesmo teto, e à beira do mesmo lar, em colóquio de irmãos, ou junto dos mesmos altares, sob os mesmos campanários, elevando ao Criador as mesmas orações, e professando o mesmo credo.*

*Direis que isto de me achar assistindo, assim, entre os de quem me vejo separado por distância tão vasta, seria dar-se, ou supor que se está dando, no meio de nós, um verdadeiro milagre?*

*Será. Milagre do maior dos taumaturgos. Milagre de quem respira entre milagres. Milagre de um santo, que cada qual tem no sacrário do seu peito. Milagre do coração, que os sabe chover sobre a criatura humana, como o firmamento chove nos campos mais áridos e tristes a orvalhada das noites, que se esvai, com os sonhos de antemanhã, ao cair das primeiras frechas de oiro do disco solar.*

*Embora o realismo dos adágios teime no contrário, tolerem-me o arrojo de afrontar uma vez a sabedoria dos provérbios. Eu me abalanço a lhes dizer e redizer de não. Não é certo, como corre mundo, ou, pelo menos, muitas e muitíssimas vezes, não é verdade, como se espalha fama, que "longe da vista, longe do coração".*

*O gênio dos anexins, aí, vai longe de andar certo. Esse prolóquio tem mais malícia que ciência, mais epigrama que justiça, mais engenho que filosofia. Vezes sem conto, quando se está mais fora da vista dos olhos, então (e por isso mesmo) é*



que mais à vista do coração estamos; não só bem à sua vista, senão bem dentro nele.

Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida. Há, nele, mais que um assombro fisiológico: um prodígio moral. E o órgão da fé, o órgão da esperança, o órgão do ideal. Vê, por isso, com os olhos d'alma, o que não vêem os do corpo. Vê ao longe, vê em ausência, vê no invisível, e até no infinito vê. Onde pára o cérebro de ver, outorgou-lhe o Senhor que ainda veja; e não se sabe até onde. Até onde chegam as vibrações do sentimento, até onde se perdem os surtos da poesia, até onde se somem os vãos da crença: até Deus mesmo, invisível como os panoramas íntimos do coração, mas presente ao céu e à terra, a todos nós presentes, enquanto nos palpita, incorrupto, no seio, o músculo da vida e da nobreza e da bondade humana.

Quando ele já não estende o raio visual pelo horizonte do invisível, quando sua visão tem por limite a do nervo ótico, é que o coração, já esclerótico, ou degenerescente, e saturado nos resíduos de uma vida gasta no mal, apenas oscila mecanicamente no interior do arcaboço, como pêndula de relógio abandonado, que agita, com as derradeiras pancadas, os vermes e a poeira da caixa. Dêle se retirou a centelha divina. Até ontem lhe banhava ela de luz todo esse espaço, que nos distancia do incomensurável desconhecido, e lançava entre este e nós uma ponte de astros. Agora, apagados esses luzeiros, que o inundavam de radiosa claridade, lá se foram, com o extinto cintilar das estrelas, as entreabertas do dia eterno, deixando-nos, tão-somente, entre o longínquo mistério daquele termo e o aniquilamento da nossa miséria desamparada, as trevas de outro éter, como esse que se diz encher de escuridão o vago mistério do espaço.

Entre vós, porém, moços, que me estais escutando, ainda brilha em toda a sua rutilância o clarão da lâmpada sagrada, ainda arde em toda a sua energia o centro de calor, a que se aquece a essência d'alma. Vosso coração, pois, ainda estará incontaminado; e Deus assim o preserve.

Metei a mão no seio, e aí o sentireis com a sua segunda vista. Desta, sobretudo, é que ele nutre sua vida agitada e criadora. Pois não sabemos que, com os antepassados, vive ele da memória, do luto e da saudade? E tudo é viver no pretérito. Não sentimos como, com os nossos conviventes, se alimenta ele na comunhão dos sentimentos e indoles, das idéias e aspirações? E tudo é viver num

*mundo, em que estamos sempre fora deste, pelo amor, pela abnegação, pelo sacrifício, pela caridade. Não nos será claro que, com os nossos descendentes e sobreviventes, com os nossos sucessores e pósteros, vive ele de fé, esperança e sonho? Ora, tudo é viver, previvendo, é existir, preexistindo, é ver, prevendo. E, assim, está o coração, cada ano, cada dia, cada hora, sempre alimentado em contemplar o que não vê, por ter em dote dos céus a preexcelência de ver, ouvir e palpar o que os olhos não divisam, os ouvidos não escutam, e o tato não sente.*

*(...)*

*Mas o que lhe importa, é que dê começo a governar-se a si mesmo; porquanto nenhum dos árbitros da paz e da guerra leva em conta uma nacionalidade adormecida e anemizada na tutela perpétua do governos, que não escolhe. Um povo dependente no seu próprio território e nele mesmo sujeito ao domínio de senhores não pode almejar seriamente, nem seriamente manter a sua independência para com o estrangeiro.*

*Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.*

*Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos; bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte.*

### **3.2 Análise dos discursos**

Esta peça de Rui Barbosa representa o “clássico dos clássicos” em termos de recursos linguísticos, sobretudo no que se refere ao estudo dos estilos de discurso.

O bom orador está sempre falando para um, para poucos ou para muitos. Aprende a usar as palavras como armas. Maneja, ao mesmo tempo, seu nome e o seu significado. Sabe como usá-las para manifestar o pensamento e para esconder seu pensamento, para explicar e para confundir, para explicitar e para se evadir. Seu

objetivo, entretanto, é sempre o mesmo: persuadir, convencer e obter a aprovação. Assim era Rui Barbosa.

Oração aos Moços é um discurso escrito por Rui Barbosa para paraninfar os formandos da turma de 1920 da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Impedido de comparecer, por problemas de saúde, o texto foi lido pelo professor Reinaldo Porchat. Uma das mais brilhantes reflexões produzidas pelo jurista sobre o papel do magistrado e a missão do advogado. Rui Barbosa faz um balanço de sua vida como advogado, jornalista e político, como exemplo para as novas gerações. A obra trata-se de uma carta que tem como tema central a ética profissional. Nela se vê uma espécie de pedido insistente e humilde extremamente bem arquitetado pela exuberante inteligência do autor.

Respeitado como um dos maiores oradores do Brasil, Rui Barbosa usa com habilidade os recursos da oratória para argumentar, convencer e emocionar audiências.

A oratória convencional revela inevitavelmente a sua intencionalidade. Por isso é tão fácil “decodificar” o argumento envolto no discurso. A intenção e o objetivo estão sempre ostensivamente expostos.

Reduzida a seu essencial, a oratória convencional é argumentativa, persuasiva, lógica e discursiva. Por outro lado, não há nada mais anti-sedutor do que a prática da argumentação pura. Não se seduz com argumentos, com discussão, com racionalidade. Argumentar supõe que a outra parte ouve prestando atenção. Este já é, por si só, um pressuposto de difícil realização. As pessoas, como regra, estão mais interessadas em falar do que em ouvir. Estão mais ocupadas com seus pensamentos e desejos do que em escutar seus argumentos e têm dificuldades para seguir um argumento nos seus detalhes, porque precisam concentrar-se e evitar distrações. Se perdem parte do argumento, sentem-se confusas e tendem a dispersar o interesse no assunto.

Há regras para controlar estes riscos quando se trata de argumentar e persuadir logicamente: discurso breve, frases curtas, linguagem simples, repetição, uso de histórias, anedotas e exemplos, voz clara e forte, criação de expectativas, suspense e etc.

Quando se trata de seduzir, entretanto, toda a prática da melhor oratória argumentativa deve ser esquecida. Ela não só não ajuda, como impede a sedução.



Na comunicação usual, o emitente do discurso fala a maior parte do tempo sobre si mesmo para expressar seus sentimentos, ideias e opiniões. Na oratória da sedução é necessário sair do mundo pessoal para entrar no mundo do outro, a quem se quer seduzir, comunicando-se com a sua sensibilidade e tendo acesso a sua psicologia.

Nesse contexto, a palavra assemelha-se à música e se diferencia do ruído. Deve provocar sensações, envolver, emocionar. A oratória da sedução usa as palavras para despertar emoções nas pessoas, pois pessoas emocionáveis são mais fáceis de atrair e conquistar.

O discurso da sedução focaliza naquilo que as pessoas querem ouvir. Não há outra porta por onde entrar no mundo do outro sem chamar a atenção e sem provocar reações defensivas. Explorar as emoções que o outro sente usando palavras carregadas de significados, apaziguar medos e inseguranças, envolvendo-o em uma atmosfera de esperança, usando uma adulação sóbria para gratificá-los, com uso de pausas e de silêncio para valorizar o que se diz e para manter a atenção, e, acima de tudo, mantendo-se uma linguagem clara, de forma a que cada um a entenda e sinta com o grau de intensidade que experimentar.

A oratória da sedução deve ser capaz de fazer uma audiência experimentar uma mesma emoção e compartilhá-la pelo contágio. Contudo, o que a oratória da sedução desperta e explora são emoções fortes. Não se trata de falar de concordâncias e discordâncias, e sim de amor e ódio, de medo e desejo, de justiça e injustiça. É com base em sentimentos desta intensidade que um público, composto de pessoas individuais, transforma-se numa entidade política, numa coletividade dominada por um sentimento que pode leva-la à ação.

A oratória da sedução fala para o coração, como a oratória da argumentação fala para o cérebro. A primeira busca seduzir e conquistar, a segunda busca a aprovação. Ambas são importantes e necessárias ao arsenal do orador. A realidade determina qual a hora de usar uma ou outra.

Nesse pequeno trecho de Oração aos Moços percebe-se a maestria com que Rui Barbosa esgrima com a oratória da argumentação e da sedução. O autor alia um estilo ao outro, produzindo um texto linguisticamente brilhante.

Mesmo com os instrumentos da lingüística não se pode jamais entender o verdadeiro significado da oratória da sedução, enquanto não se compreender que seu objetivo não é nem persuadir, nem revelar abertamente o pensamento e

sentimentos do orador, como é o caso na oratória convencional. O único objetivo da oratória da sedução é produzir um efeito nas pessoas que a ouvem. Esta é a marca registrada deste tipo de oratória. Mas, que “efeito” é este que se deve produzir? Para responder a esta pergunta, que é chave para entender-se o significado da oratória da sedução, necessário se faz um esforço para modificação de hábitos muito comuns.

Em primeiro lugar, o orador deve conter o desejo de revelar seus sentimentos e pensamentos. É comum que o primeiro assunto do orador ao começar a falar, e, por vezes, o único, costuma ser sobre ele mesmo. Isto é humano, normal e natural, contudo, não na arte da sedução.

Em segundo lugar, deve-se fazer um esforço para entrar na “pele” dos ouvintes, ou seja, comunicar-se com os sentimentos deles: medos, inseguranças, esperanças, expectativas e desejos.

Em terceiro lugar, deve-se fixar na mente que o destino do discurso não é o cérebro das pessoas e sim o coração. Tudo muda na forma habitual de comunicação: os termos que se usa, a forma de falar, as imagens mentais que se busca produzir, o ritmo do discurso e o uso das palavras.

Em quarto lugar, as palavras. Elas não devem ser encaradas como instrumentos que se maneja para revelar os pensamentos do orador, sua argumentação e sua lógica racional de convencimento. Elas são usadas para “confundir”, “hipnotizar”, “sensibilizar”. Na oratória convencional as palavras funcionam como uma melodia, enquanto que, na oratória da sedução, funcionam como um ruído.

Em quinto lugar, não se pode esquecer que, embora diferente da convencional, a oratória da sedução tem também o objetivo de obter a adesão das pessoas para uma causa. Logo, precisa ter conteúdo e apontar um rumo. Este conteúdo, entretanto, tem que ser compatível com os sentimentos que este tipo de oratória provoca no público. Não pode ser uma “súbita reentrada”, à guisa de conclusão na oratória convencional, alinhando argumentos lógicos e racionais. Isto seria como despertar os ouvintes do sonho e provocaria um conflito de percepção que poria a perder toda a ação de sedução já realizada. O conteúdo terá que ser acima de tudo “vago” e “ambíguo” para que os ouvintes preencham com a sua imaginação e com suas fantasias o que o orador deixou de dizer.

Quem seduz possui um mistério e um “charme” próprio. Não pode ser tão facilmente decodificado. Quem fala, explicando tudo, é o professor. O sedutor fala sugerindo. Ora, a sugestão completa-se pela imaginação, jamais pela explicitação. É fundamental deixar este espaço para o alvo da sedução completar. Ao completá-lo, o círculo da sedução se fecha. O alvo espontaneamente se “envolve”, passo indispensável para a “entrega”.

#### 4. DISCUSSÃO

Este discurso de Rui Barbosa é um “clássico dos clássicos” da oratória. O autor usa com maestria os recursos da linguística para esclarecer, convencer e emocionar os jovens formandos e, por conseguinte, todos os brasileiros.

Todo o discurso alia a oratória convencional à oratória da sedução. Poucos oradores conseguem esse intento com a maestria de Rui Barbosa, que envolve o público, os estudantes, pelo argumento, pela emoção e pelos sentimentos.

Retomando a ideias de Mattoso, pode-se mostrar que através do estudo estrutural e linguístico dessa obra de Rui Barbosa é que o homem procura a própria essência e concepção do nível linguístico das formas de diálogo que atualmente são usadas pela própria humanidade.

Pode-se dizer que o estruturalismo é, na verdade, uma aventura de ser. Uma nova dimensão na maneira de inquirir. Em sua concepção geral é um conjunto de buscas ou de projetos de buscas que se coloca verdadeiramente debaixo do modelo linguístico.

Este exemplo de análise de discurso mostrou também o quanto torna-se importante o estudo das formas de comunicação e de linguagem.

Formalismo e estruturalismo, por exemplo, são conceitos que aparecem frequentemente confundidos, mas, a rigor, existe entre eles uma fundamental diferença por considerar a forma é já abstraí-la de um determinado conteúdo, enquanto que o conceito de estrutura não comporta essa dissociação, conforme Ramos (1969, p.5).



## 5. CONCLUSÃO

As análises empreendidas neste estudo mostraram a situação constitutiva entre os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso da estilística na produção gramatical e a constituição do efeito de sentido de língua portuguesa.

Também foi objetivo deste estudo alargar a compreensão acerca da estilística e situar o lugar que esta forma de conhecimentos ocupa em relação aos estudos referentes à linguagem. Desta perspectiva podemos dizer que a estilística constrói o lugar da subjetividade da/na língua. É que esta língua está ligada ao estilo individual de cada escritor. Este cria seu próprio estilo. Portanto, o discurso literário estaria ligado à arte literária, que por sua vez está ligado ao belo. Isto significa dizer que o discurso de estilística continua a velha tradição dos gramáticos, cuja preocupação era como devia escrever.

À estilística interessa escrever com expressividade, o que confere graça, elegância e singularidade ao que foi escrito. Os estudos tradicionais sobre estilística interpretam o fenômeno da singularidade da escrita, o estilo, por este viés. Foi visto também que os estudos tradicionais sobre a estilística mostram que a língua é expressiva/emotiva/subjetiva. Trata-se de um fenômeno relacionado ao que é subjetivo e por esta via justificam-se as individualidades daqueles que escrevem. Por outro lado esta subjetividade está relacionada ao interpretável, vez que pode suscitar interpretações diferentes nas pessoas. Elas podem nos fazer imaginar coisas e é assim que entendemos esta relação entre a subjetividade e o interpretável no fio do discurso dos estudos tradicionais sobre a estilística.

Também foi visto que os discursos sedutor e argumentativo, geralmente excludentes devido aos efeitos que produzem, podem ser unidos, a depender da habilidade do orador, como tão bem demonstra Rui Barbosa. Eles constituem duas posições de leitura que não são tão evidentes assim e que derivam de uma divisão social de trabalho de leitura. De um lado, o de discurso argumentativo, que é a leitura interpretativa e racional que determina o nosso modo de ver as coisas, de outro lado, o do discurso da sedução, que emociona e convence.

Assim, foi evidenciada a interpretação literária que recobre estes discursos, descrevendo-se as relações que constituíram as condições de sua produção. Ou seja, estes discursos passam a ter um significado mais amplo quando observado o

seu funcionamento no interior de um processo histórico-político: o de legitimação da língua nacional.

Assim, para Câmara (2008, p.1), cabe ressaltar que num poeta os traços são mais típicos e mais nítidos, pois os processos estilísticos se acham a serviço de uma psique mais rica e especialmente educada para o objetivo de exteriorizar-se.

O papel da estilística é depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem. A solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectual da língua é que está na base do estilo em última análise.

No contexto da estrutura, função e forma, pode-se dizer que, segundo Dillinger, enquanto o formalismo (forma) se refere ao estudo das formas linguísticas, o funcionalismo (função) se refere ao estudo dos significados e do uso das formas linguísticas em atos comunicativos (Dillinger, 1991). Em outras palavras, o formalismo vê a língua como um sistema autônomo, enquanto o funcionalismo vê a língua como um sistema não autônomo inserido num contexto de interação social.

Não é o discurso que abre sentidos, como se pensa correntemente. Na verdade, é a língua que abre sentidos. O trabalho discursivo é um trabalho de fechamento dos sentidos; consiste em tomar algo que é relativamente indeterminado e torná-lo determinado a partir de uma certa sequência sintagmática e de um certo contexto sócio-histórico. Caracteriza-se a análise do discurso por um trabalho de atenção a sentidos possíveis, com o objetivo de mobilizar sentidos não aparentes, não explícitos, silenciados.

As categorias de análise da lingüística textual permitem que se estabeleça a organização textual, ou seja, as manobras argumentativas que levaram a determinado sentido instaurado. Reconhecido esse sentido, a análise do discurso explica porque no momento da interação um sentido foi preferível a outros possíveis. O diálogo entre as duas áreas consiste no fato de que as categorias textuais permitem que se recupere a organização "sofrida" pelo texto. Assim, servem de "suporte" para a análise discursiva. Por outro lado, as categorias discursivas contribuem para que se compreenda que essa organização textual não é aleatória, uma vez que está inserida num contexto de determinações e restrições discursivas.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rui. **Oração aos Moços**. Edição popular anotada por Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

CHOMSKY, Noan, JAKOBSON, LENNEBERG E OUTROS. **Novas Perspectivas Linguísticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

DEZERTO, Felipe Barbosa. **Da Linguística Formal à Análise do Discurso: um breve percurso teórico**. Veredas, Análise do Discurso, 2010.

DILLINGER, M. **Forma e função na Linguística**: Delta, 1991.

MARTINS JÚNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de Curso**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. **Sobre a análise do discurso**. Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005.

RAMOS, Maria Luíza. **Fenomenologia da obra literária**. São Paulo: Forense, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27ª ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.